



UM OLHAR SOBRE O PATRIMÔNIO: LEVANTAMENTO DA ACESSIBILIDADE DO CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA BASÍLICA DO SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS, CONGONHAS -MG

Franciele Maria Costa Ferreira

fram013@yahoo.com.br

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil – Escola de Minas

Henor Artur de Souza

henor@em.ufop.br

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil – Escola de Minas

Resumo: Neste trabalho discutem-se questões ligadas à acessibilidade ambiental a partir do estudo de caso de um objeto arquitetônico de grande relevância histórica e artística mundial que é a Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, Minas Gerais. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico sobre acessibilidade ambiental, turismo inclusivo e acessibilidade a bens culturais. Esta investigação adotou a Tabela de Descrição das Rotas, desenvolvida como ferramenta metodológica pelo Núcleo Pró-acesso da UFRJ e o Uso do Método de Percursos Comentados do sociólogo francês Jean- Paul Thibaud como metodologia. Os dados obtidos nos permitem apontar para o paradoxo entre um espaço que apresenta grandes deficiências e diversas barreiras arquitetônicas e ainda sim recebe todo ano milhares de pessoas e/ou turistas. Tudo isso nos levou a questionar sobre a necessidade de se levar o Símbolo Internacional de Acesso ao que já é considerado Patrimônio Cultural da Humanidade.

Palavras-chave: acessibilidade, patrimônio.

Abstract: This work allows you to discuss issues related to environmental accessibility from the case study of an architectural object of great historical and artistic world is the Basilica of Bom Jesus de Matosinhos in Congonhas, Minas Gerais. To this was done on a literature review on environmental accessibility, inclusive tourism and accessibility to cultural goods. This research adopted the table Description of routes developed as a methodological tool by the UFRJ Pro-core access and the Use of Routes method Commented the French sociologist Jean-Paul Thibaud as a methodology. The data obtained allow us to point to the paradox of space that holds a large number of deficiencies and architectural barriers and still receives every year thousands of people and / or tourists. All this led us to question the need to bring the International Symbol of Access which is already considered Cultural Heritage of Humanity.

Keywords: accessibility, heritage



1. INTRODUÇÃO

Primeiramente é importante dizer que a acessibilidade ambiental não é uma condição. O local é acessível a quem? Mesmo um local cheio de escadas é acessível, para quem consegue subir escadas. Percebe-se que acessibilidade é um processo, não um estado. E tem que depender da constante busca de qualidade nos estágios de planejamento, de execução e gerenciamento das estruturas sociais no meio edificado. (GUIMARÃES, 2000).

Segundo Duarte e Cohen (2006) até bem pouco tempo o conceito de acessibilidade esteve associado às pessoas com deficiência e, mais especificamente, àquelas que se locomovem em cadeira de rodas.

A acessibilidade aos espaços de uma cidade, no entanto, pode estar associada a todos os diferentes grupos que compõem nossa sociedade. O avanço dos estudos sobre projetos inclusivos, nos últimos anos, fez emergir o conceito de desenho universal (ou projeto para todos) que é fortemente embasado no conceito de inclusão social (DUARTE e COHEN, 2004).

Em entrevista¹ Regina Cohen e Cristiane Duarte explicam que a desvantagem é resultante do desajuste entre as

características físicas das pessoas e as condições do ambiente em que elas estão. A deficiência pode ser vista, assim, como uma situação contextual e não como um problema irremediável (Por exemplo: uma pessoa que mora no alto de uma escadaria está em desvantagem em relação a quem mora mais perto da rua).

Este conceito nos leva a compreender que é o espaço quem é deficiente²: Muitas das limitações das pessoas com “deficiência” não se devem a uma falta de habilidade, mas a uma deficiência do espaço construído em acolher diversidades.

No Brasil, o censo do IBGE 2010 mostra a existência de 23,9% da população brasileira com algum tipo de deficiência, totalizando aproximadamente 24,5 milhões de pessoas.

Esses números não consideram as pessoas com restrição de mobilidade. Aponta, também, que 14 milhões de pessoas são idosas, o que representa 8,6% da população. Projeta, ainda, que 15% da população brasileira estará com idade superior a 60 anos em 2025.³

Com relação às pessoas idosas que apresentam diferentes graus de dificuldades, seja em sua mobilidade, audição ou visão, deve-se frisar que estas

¹ Disponível em:
< <http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/acessibilidade-deve-ser-pensada-de-forma-global/>>

² O conceito do espaço deficiente foi desenvolvido pelas pesquisadoras Regina Cohen e Cristiane Duarte no Núcleo Pró-acesso na UFRJ.

³ http://www.acessibilidade.org.br/manual_acessibilidade.pdf
acesso em janeiro/2008.



possuem, também, necessidades afetivas e psicológicas que se somam às dificuldades físicas.

Para Guimarães (2002) qualquer pessoa pode, amargamente, experimentar uma deficiência num instante da vida em que precisa obter algo e em que as condições gerais do espaço construído não permitem a satisfação dessas necessidades.

Uma criança experimenta uma deficiência quando tenta subir uma escada e percebe que os degraus são desproporcionais à sua perna, quando tenta chamar alguém pelo interfone ou atingir um andar por elevador e não consegue alcançar o botão de controle.

A acessibilidade representa, então, o conjunto de boas ideias que tiveram sucesso em atender, simultaneamente, as diferentes necessidades das pessoas portadoras de deficiência, e em facilitar a vida de todos.

Nesse conjunto, alternativas de uso do espaço construído estão sempre presentes para que a pessoa possa optar por aquela que melhor se ajusta às suas necessidades, sem constrangimentos, sem a perda do seu poder de decisão, e na medida do possível, com independência.

Conceber um espaço de qualidade é uma tarefa de grande complexidade. Além de atender os seus requisitos básicos, é preciso compreender que as necessidades de seus usuários não são estáticas. Elas se transformam ao longo do tempo, quer seja o tempo físico quer seja o tempo social(...) (MALARD,1992).

Sublinha-se, assim, que a acessibilidade ao espaço construído não deve ser compreendida como um conjunto de medidas que favoreceriam apenas às pessoas portadoras de deficiência - o que poderia até aumentar a exclusão espacial e a segregação destes grupos, mas sim medidas técnico-sociais destinadas a acolher todos os usuários em potencial (Duarte e Cohen, 2004).

Neste sentido, estão incluídas pessoas que vivem determinadas situações de dificuldade às quais todos os indivíduos são passíveis de se submeterem em algum momento de suas vidas: pessoas idosas; pessoas com mobilidade reduzida; pessoas com visão subnormal; pessoas com deficiência física, neurológica ou sensorial; pessoas obesas; pessoas de baixa estatura, crianças, mulheres grávidas etc.

A eliminação de barreiras físicas e sociais dos espaços e serviços destinados à fruição do patrimônio cultural é fundamental para que as pessoas em desvantagem tenham acesso aos bens culturais.

Adequar cultura, usos e costumes de uma dada época às necessidades e realidades humanas vivenciadas em outra na qual um objeto arquitetônico se insere é o grande desafio que bens culturais que constituem o patrimônio histórico e artístico brasileiro enfrentarão neste século para tornar-se ambientes construídos de qualidade plenamente sustentáveis e acessíveis.



2. ACESSIBILIDADE

O estudo dos diversos conceitos que envolvem o termo acessibilidade permite demonstrar como as pessoas com algum tipo de limitação, seja temporária ou permanente, fazem o uso do '*direito de ir e vir*' na atualidade.

A norma NBR9050 (ABNT, 2004), define acessibilidade como a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.

Dischinger e Bins Ely (2005) definem como espaço acessível aquele de fácil compreensão, que permite ao usuário comunicar-se, ir e vir e participar de todas as atividades que o local proporcione, sempre com autonomia, segurança e conforto, independente das habilidades e restrições de seus usuários. A partir dessa definição são estabelecidos ainda quatro componentes essenciais para a obtenção de boas condições de acessibilidade espacial: orientabilidade, deslocamento, comunicação e uso.

A Orientabilidade faz saber onde se está, e para onde ir, a partir das informações arquitetônicas e dos suportes informativos (placas, sinais, letreiros etc.) de forma independente e autônoma. O espaço permite sua compreensão (legibilidade espacial) por meio da configuração arquitetônica, da visibilidade de suas partes, da sua organização funcional e das informações adicionais existentes.

O Deslocamento dá condições ideais de movimento ao longo de percursos horizontais ou verticais e seus

componentes. O deslocamento é garantido através da supressão de barreiras físicas, propiciando assim segurança, conforto e autonomia a todos os usuários.

A Comunicação, é a possibilidade de obter boas condições de troca e intercâmbio de informações, seja interpessoal, ou entre pessoas e equipamentos de tecnologia assistiva (como terminais de computadores e telefones com mensagens de texto) permitindo o ingresso e o uso dos ambientes e equipamentos.

O Uso é dado pela possibilidade de participação do indivíduo nas atividades desejadas, utilizando os ambientes e equipamentos, sem que seja necessário um conhecimento prévio, e de forma autônoma, confortável e segura.

Cabe ressaltar que as informações adicionais devem ser acessíveis a todos, como textos em Braille para o deficiente visual e pictogramas para analfabetos e crianças, por exemplo. A ausência destas informações gera situações constrangedoras, pois acentua as restrições, causando exclusão e reduzindo a acessibilidade ao ambiente.

Quando não há o cumprimento deste princípio, a pessoa com restrição sensorial visual e/ ou cognitiva é uma das mais prejudicadas.

A acessibilidade espacial depende destes quatro componentes: o não cumprimento de um deles compromete todos os demais, dificultando ou até mesmo impedindo o acesso de pessoas com restrições aos ambientes.



Ao analisar espaços de uso coletivo, como os centros culturais, igrejas, com grande diversidade de frequentadores, deve-se compreender as limitações e necessidades apresentadas por uma parcela desta população usuária, que pode apresentar restrições no uso do espaço oriundas ou não de deficiências.

Cabe, portanto, entender a diferença entre os dois termos - restrição e deficiência (BINS ELY; OLIVEIRA, 2005).

Segundo o que está estabelecido na norma NBR 9050 (ABNT, 2004) pessoa com deficiência é aquela que (temporária ou permanente) tem limitada sua capacidade de relacionar-se com o meio e utilizá-lo.

O termo “deficiência” refere-se à redução, limitação ou inexistência das condições de mobilidade, de percepção das características do ambiente e de utilização das edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, em caráter temporário ou permanente.

Dischinger, Bins Ely e Piardi (2009) utilizam o termo ‘deficiência’ para “[...] designar o problema específico de uma disfunção no nível fisiológico do indivíduo (por exemplo, cegueira, surdez, paralisia)”.

Fávero (2004) define deficiência como “[...] uma limitação significativa física, sensorial ou mental e não se confunde com incapacidade.

A incapacidade para alguma coisa (andar, subir escadas, ver, ouvir, etc) é uma consequência da deficiência, que deve ser vista de forma localizada [...]”. A

Organização Mundial da Saúde, por meio da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (OMS, 2008) considera que “deficiências são problemas na função ou estrutura do corpo, tais como um desvio ou uma perda significativa”.

As restrições são utilizadas para designar, segundo Dischinger, Bins Ely e Piardi (2009), a “dificuldade existente para a realização de atividades desejadas resultantes da relação entre as condições dos indivíduos e as características ambientais”. Isto significa dizer que sofrer uma restrição é estar impossibilitado de realizar determinadas tarefas, temporária ou permanentemente.

Por exemplo, uma pessoa cega possui a incapacidade de enxergar, entretanto, se o espaço possui pisos táteis e outros referenciais não visuais, a pessoa pode se orientar e se deslocar de forma independente e autônoma.

Já uma criança, sem deficiência alguma, pode sofrer diversas restrições por sua baixa estatura, como alcançar um livro em uma prateleira alta, puxar a descarga, utilizar equipamentos sanitários de tamanho convencional, etc.

Nem toda a pessoa que apresenta uma deficiência – como quem necessita de cadeira de rodas para se deslocar – sofre restrição. Se além de uma escada houver uma rampa, esta pessoa não sofre restrição de deslocamento e, assim, tem seu acesso garantido.

De acordo com Dischinger, Bins Ely e Piardi (2009), as restrições podem ser diferenciadas a partir das relações que o



indivíduo estabelece entre si e com o meio ambiente, sendo classificadas como:

Restrições físico-motoras - referem-se ao impedimento, ou as dificuldades encontradas pelo indivíduo em relação ao desenvolvimento de atividades que dependam de força física (agarrar, puxar, alcançar...), coordenação motora e precisão (rotacionar, pinçar...) ou de mobilidade (caminhar, correr, pular...).

Restrições Sensoriais - referem-se às dificuldades na percepção das informações do meio ambiente, ou dos outros indivíduos, devido a deficiências nos sistemas sensoriais. As restrições sensoriais mais comuns na população estão relacionadas com a visão e a audição.

Restrições Cognitivas - referem-se às dificuldades no tratamento das informações recebidas, sua compreensão (atividades mentais) e/ou na sua comunicação por meio da produção lingüística (fala), devido a limitações no sistema cognitivo.

Restrições múltiplas - é quando o indivíduo apresenta a associação de mais de um tipo de restrição de natureza diversa.

As diferentes deficiências, as características ambientais e as restrições apresentam uma ligação direta. Conforme Dischinger, Bins Ely e Piardi (2009). “A presença de uma deficiência implica na existência de determinados níveis de limitação para a realização de atividades”

2. OBJETIVO

O objetivo principal deste trabalho é analisar a acessibilidade sob a ótica do

usuário, num estudo de caso. O elemento arquitetônico escolhido para a pesquisa é a Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, construída no século XVIII e que reúne todo ano milhares de fiéis na maior peregrinação religiosa de MG – o jubileu do Senhor Bom Jesus.

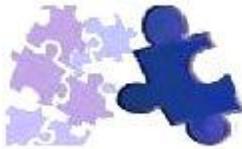
3. MÉTODO

Para atingir os objetivos do trabalho o modo de abordagem aplicado está embasado no método da Tabela de Rotas desenvolvido pelo Núcleo Pró-acesso (Núcleo de Pesquisa, Ensino e Projeto sobre acessibilidade e desenho universal) da UFRJ, pelas pesquisadoras Cristiane Duarte e Regina Cohen. O Núcleo Pró-acesso é um grupo pioneiro no país dedicado à pesquisa, ao ensino, ao planejamento e ao projeto inclusivo, buscando a integração sócio-espacial das pessoas com deficiência por meio de um design universal que reduza as barreiras à acessibilidade. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Núcleo desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão⁴.

No estudo da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, MG foram consideradas as seguintes esferas de análises:

- a) Delineamento conceitual e levantamento de bibliografia específica.
- b) Levantamento de dados a partir da tabela de descrição das rotas: avaliação da acessibilidade através de percursos simples e viáveis que são descritos na

⁴ Disponível em: <<http://www.proacesso.fau.ufrj.br/>>



sua continuidade para
verificação das rotas
acessíveis.

- c) Uso do método dos percursos comentados de Jean-Paul Thibaud, mapeamento e levantamento iconográfico: Os usuários em desvantagem são convidados a percorrer uma determinada rota gravando tudo aquilo que viam em termos de características físicas e o que sentiam ao se locomoverem.

Para abranger um nível mais amplo de acessibilidade foram incluídos os usuários em condições extremas e comuns como crianças, idosos, gestantes, muito altos, muito baixos, obesos e aqueles que se acidentaram permanentemente ou temporariamente.

No levantamento das especificidades espaciais e das barreiras encontradas foram contemplados deficientes visuais, auditivos e as diversas deficiências motoras.

3.1. Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos

A cidade de Congonhas, a 80 km de BH, é uma das cidades históricas mais importantes do país devido ao seu conjunto artístico e arquitetônico que chama a atenção de turistas do mundo inteiro.

Todo o acervo - que inclui a igreja, os 12 profetas em pedra-sabão e as 66 imagens dos Passos da Paixão de Cristo - foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1985, figura 1.



Figura 1 – Vista da igreja e dos doze profetas

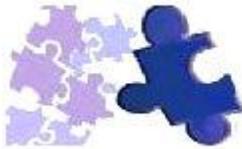
As imagens, distribuídas em seis capelas dispostas no "Jardim dos Passos", local gramado íngreme, representam os episódios bíblicos da Via Sacra, figura 2.



Figura 2 - Vista do Jardim dos Passos

Cada capela tem uma cartela com inscrições de textos extraídos dos evangelistas, que identifica cada um dos Passos. O conjunto de estátuas do adro do Santuário do Senhor do Bom Jesus de Matosinhos é o maior conjunto barroco do mundo. Dentre os artistas responsáveis pelo cenário apresentado estavam Aleijadinho, Manoel da Costa Ataíde e Francisco Xavier Carneiro.

Depois da realização das obras dos Passos da Paixão, Aleijadinho levou cinco anos para completar as esculturas em pedra-sabão dos doze profetas. As esculturas, além de sua grande força plástica, compõem com o conjunto arquitetônico uma verdadeira obra de gênio, dada a



perfeita integração entre a arquitetura do adro e a posição e distribuição delas pelo espaço, acompanhando o desenho da praça, das escadarias e do templo ao fundo.

3.2. Aplicação da metodologia

A partir da metodologia já apresentada, foram realizadas visitas técnicas, incluindo vistoria do local para verificação de possíveis problemas e criação de um mapa esquemático a respeito do objeto de pesquisa e seu entorno identificando suas principais vias de acesso, figura 3.

Através deste mapa foram estabelecidos e numerados os percursos que serviram de orientação para a elaboração da Tabela de descrição das rotas, tabela 1.

Tal instrumento se mostrou útil por revelar a real situação de caminhos, uma vez que há muitas vezes locais com facilidades de acesso, mas sem oferecer uma rota realmente acessível entre o ponto de origem e o do destino, inviabilizando a autonomia do usuário.

O conceito de “Rota Acessível” (Guimarães, 2000) consiste no percurso livre de qualquer obstáculo de um ponto a outro (origem e destino) e compreende uma continuidade e abrangência de medidas de acessibilidade. A “Rota Acessível” tem sido considerada como fator preponderante para a classificação de espaços inclusivos.

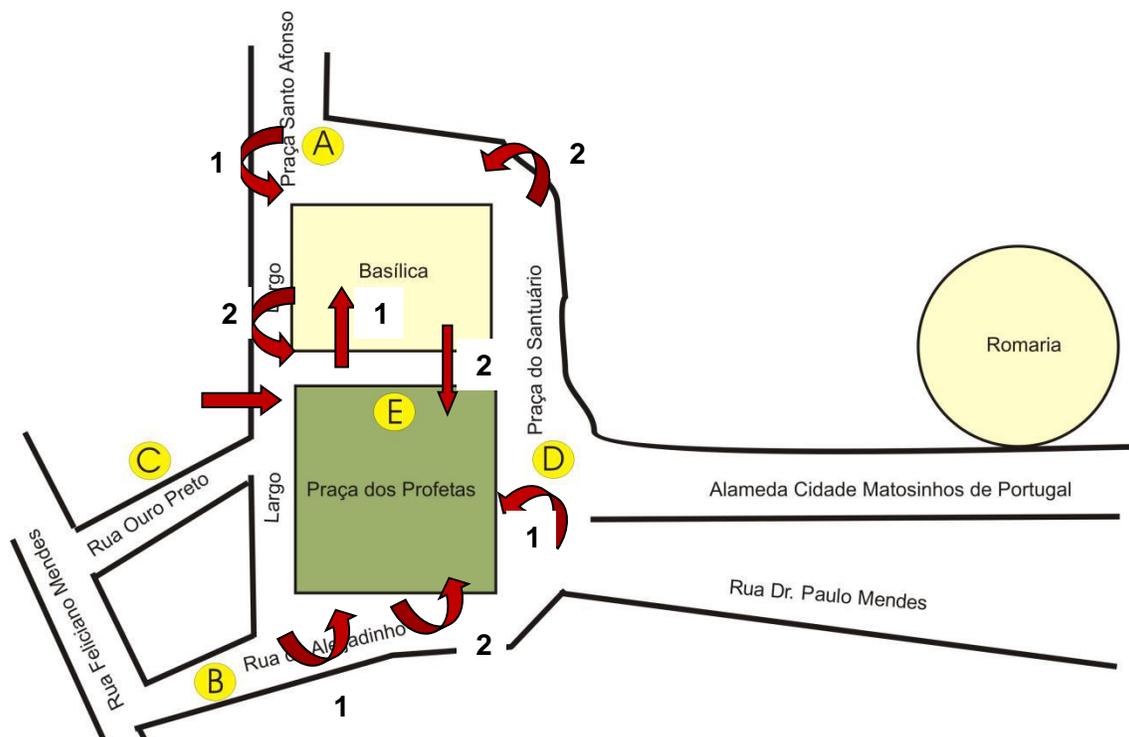


Figura 3 – Mapa esquemático com as vias de acesso à Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos

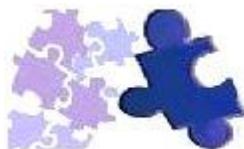
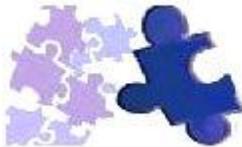


Tabela1 – Resultado geral da Tabela de descrição das Rotas

Rota	Origem	Destino	Descrição	Qualid.	Principais Dificuldades
A1	Praça Sto Afonso	Basílica	Estacionamento sem vaga especial, dois portões de acesso sendo um com desnível de 20 cm e outro com rampa de inclinação superior a 8% sem marcação no piso ou corrimão, piso escorregadio, sala dos milagres com desnível.		
A2	Praça Sto Afonso	Praça dos Profetas	Existem dois acessos: 1 caminhando pelo largo ao lado da Basílica e outro caminhando pela Praça do Santuário. Parte do passeio pela Praça do santuário está quebrado e muito irregular. Chega-se na praça dos profetas em seu nível mais alto.		
B1	Rua do Aleijadinho	Praça dos Profetas	Acesso p/ o largo ao lado da praça. Escadaria com corrimão de apenas um dos lados. Não possui sinalização visual ou tátil. Local onde encontra-se o maior nº de lojas de artesanato. Piso escorregadio. O acesso direto para a praça acontece na altura da rua Ouro Preto.		
B2	Rua do Aleijadinho	Praça dos Profetas	Subindo um pouco mais pela Rua do Aleijadinho encontramos outro acesso por escadas sem corrimão e sem sinalização. Este acesso é mais suave que o descrito em B1 e permite contato direto com a 1ª capela da praça.		
C	Rua Ouro Preto	Praça dos Profetas	Rua estreita, íngreme, sem passeio público, sem tráfego de veículos. Piso em pedra. Acesso direto à praça dos profetas na altura da última capela. Nível mais alto da praça.		
D1	Praça do Santuário	Praça dos Profetas	Estacionamento mais próximo da praça dos profetas. Piso irregular, em pedra. Não existe demarcação vaga de acessibilidade. Acesso direto à praça na altura da última capela Desnível da calçada para a rua de aproximadamente 20 cm.		
D2	Praça do Santuário	Basílica	Acesso pela lateral esquerda da igreja. Dificultado pelo piso em pedra e pelo passeio todo irregular. Desnível a ser		



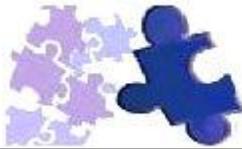
			vencido de aproximadamente 40 cm.		
E1	Praça dos Profetas	Basílica	Acesso pela escadaria central. Não há nenhum tipo de sinalização.		
E2	Praça dos Profetas	Capelas	Parte do piso da praça é em pedra e parte em grama. Dentre as seis capelas existentes quatro possuem acesso mais fácil ou direto (sem contar com escadarias). Para apreciar as 66 imagens dos Passos da Paixão de Cristo é preciso vencer um desnível de 1.20 m do piso aproximadamente.		

Legenda: = rota plenamente acessível; = encontradas barreiras fáceis de serem removidas; = encontradas dificuldades, necessidade de ajuda de terceiros; = encontradas barreiras graves e difíceis de serem removidas; = condições de acesso muito ruins.	QUALIDADE DA ROTA: = rota plenamente acessível; = encontradas barreiras fáceis de serem removidas; = encontradas dificuldades, necessidade de ajuda de terceiros; = encontradas barreiras graves e difíceis de serem removidas; = condições de acesso muito ruins.	PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA: = restrições visuais; = restrições motoras; = restrições auditivas; = restrições múltiplas ou combinadas
--	--	---

Tabela de Rotas e suas características relacionada com pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida (Método aliado a outras ferramentas como parte da Metodologia desenvolvida pelo Núcleo Pró-acesso da UFRJ)

Tabela2 – Levantamento do mobiliário do entorno da edificação

ENCONTRADOS	LOCAL	QTDADE	DESCRIÇÃO
Lixeiras	Praça do Santuário	2	Lixeiras muito acima do piso dificultando o acesso de crianças e cadeirantes
Lixeiras	Basílica	2	Lixeiras no nível do piso
Telefone Público	Praça do Santuário	1	Altura convencional. Não foi encontrado nenhum outro nas proximidades
Pontos de ônibus	Praça Santo Afonso	1	Existe frota de ônibus acessível que circula pela praça.
Rampas	Basílica - próximo a Praça Santo Afonso	1	Sem corrimão, piso escorregadio, ausência de sinalização
Estacionamento	Praça do Santuário	1	Não existe sinalização/demarcação quanto à acessibilidade
Estacionamento	Praça Santo Afonso	1	Não existe sinalização/demarcação



			quanto à acessibilidade
Banheiros públicos	Romaria	vários	Distância longa em relação à praça e a Basílica.
Posto de informações Turísticas	Romaria	1	Distância longa em relação à praça e a Basílica. Não existem informações em braile.
Lojas de artesanato	Largo ao lado da praça e Rua do Aleijadinho	várias	Acesso direto pela praça ou pelas ruas do Aleijadinho e Ouro Preto. Piso escorregadio. Algumas se apresentam bem acima do nível da rua.
Restaurante e lanchonete	Praça do Santuário	1	Acesso razoavelmente fácil
Restaurante e lanchonete	Rua Dr. Paulo Mendes	1	Acesso razoavelmente fácil

O método dos percursos comentados (méthode des parcours commentés) desenvolvido por Jean-Paul Thibaud⁵ reuniu diversos sentimentos e observações realizadas pelos usuários em visita à praça e a Basílica. O método consistiu no acompanhamento de percursos no entorno da edificação.

Os usuários com deficiência foram convidados a percorrer uma determinada rota gravando tudo aquilo que viam em termos de características físicas e o que sentiam ao se locomoverem. Os pesquisadores apenas seguiam os informantes, registrando, em silêncio, suas reações.

3.2. ANÁLISE DE DADOS

Se a intenção é compreender a situação de uma pessoa com deficiência no espaço

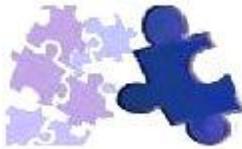
construído de sua comunidade, então sua pesquisa deve permitir tanto a discussão sobre ambientes específicos quanto à observação dos informantes nesses lugares.

Segundo Bechtel e Zeisel (1990), antes de realizar a observação científica de um espaço, deve-se fazer uma observação de orientação. O pesquisador deve caminhar observar, ouvir, sentir, vivenciar o espaço para, primeiramente, conhecê-lo.

Através desta experiência informal foi possível observar que mesmo com todas as deficiências que o espaço em estudo possui os usuários, mesmo os mais inseguros, não se sentem tão intimidados a conviverem e vencerem os obstáculos existentes, principalmente por estarem sempre acompanhados de parentes e/ou amigos.

A partir da observação também foi possível identificar a forma com que as pessoas com deficiências fazem uso da edificação em estudo, como elas interagem entre si e com o espaço e quais

⁵Segundo Cohen a metodologia consagrada desse sociólogo reúne diversos instrumentos de pesquisa de espaços urbanos dentro de uma corrente chamada de etnometodologia, cuja principal característica é o envolvimento do usuário atuando na constituição dos espaços construídos. Ver, sobre isso: Thibaud e Cherlkoﬀ, 1993; Thibaud e Cherlkoﬀ, 1997; Thibaud, 1996 e Grosjean e Thibaud, 2001.



os caminhos mais utilizados pelos usuários.

Com a Tabela de descrição das rotas foi possível levantar os principais acessos encontrados tanto para a praça dos profetas quanto para a Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos e da praça dos profetas até as pequenas capelas.

Foram levantadas as barreiras arquitetônicas existentes como escadarias (figura 3), degraus (figura 4), pisos muito irregulares e escorregadios.



Figura 3 – Rota B2 – Acesso para a praça pela Rua do Aleijadinho



Figura 4 - Obstáculos existentes em todas as capelas

Também foram observadas a falta de sinalização nos estacionamentos (figura 5), a ausência de cabines telefônicas acessíveis, a criação de uma rampa em discordância com a norma NBR 9050, lixeiras muito altas, sanitários



Figura 5 – Ausência de sinalização no estacionamento



Figura 6 – Desníveis encontrados dentro da Praça dos Profetas

públicos distantes e inadaptados dentre outros (figura 6). Este levantamento permitiu verificar o desacordo existente entre o objeto desta pesquisa e a instrução normativa nº1 de 25 de novembro de 2003 do IPHAN ou mesmo a lei nº11666/1994 do IEPHA que preveem a acessibilidade de prédios tombados.

Finalmente com a utilização do método dos percursos comentados foi possível coletar informações a respeito da familiaridade dos usuários com o espaço, da competência ambiental e da autonomia que o objeto de estudo possibilita aos usuários, o nível de conforto físico e



psicológico existente e também o nível de segurança pelos usuários no ambiente.

Fica claro que apesar de todas as dificuldades encontradas nos diversos percursos existentes os sentimentos que assolam os visitantes são, na grande maioria das vezes, positivos e tranquilizadores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções realizadas em bens culturais com vistas a sua acessibilidade não podem chegar a ponto de causar mutilação ou descaracterização gravosa ao testemunho histórico que a proteção do bem cultural visa garantir. É preciso lembrar que as próprias barreiras arquitetônicas são resultados de um processo de ocupação do espaço em um momento histórico no qual a acessibilidade e inclusão não eram valores fundamentais da sociedade.

No entanto partindo dos resultados encontrados com esta pesquisa percebe-se que esta é uma discussão fundamental e urgente principalmente quando se trata de um conjunto arquitetônico considerado patrimônio cultural da humanidade e com grande visitação de fiéis e/ou turistas.

Dentre medidas imediatas de adaptação pode-se sugerir:

- Colocação de telefones públicos, placas de sinalização/informação e lixeiras em alturas apropriadas.
- Criação de postos de informações turísticas, mais próximos da praça/igreja permitindo inclusive leituras em braile.

- Correções pontuais na rampa existente em acordo com a norma NBR 9050 e criação de outras onde for possível e coerente.
- Criação de banheiros públicos adaptados nas proximidades da praça.
- Colocação de corrimão nas escadarias existentes.

Pode-se considerar como prioridade a melhoria nos pisos dos passeios públicos de todo o entorno da praça e igreja bem como adaptações em alguns trechos das vias públicas facilitando o acesso de pedestres.

Também é importante criar uma circulação mais acessível dentro da própria praça dos profetas, no entanto somente uma pesquisa mais aprofundada poderia dar maiores subsídios de como se adaptar sem descaracterizar o objeto arquitetônico.

Foi relevante observar que apesar das diversas deficiências, que o espaço em questão apresenta, usuários e/ou turistas não deixam de conferir a magnitude de seu valor histórico, artístico e religioso.

Principalmente pelo grande público que a Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos assiste vale lembrar que esta merece buscar a qualidade do seu espaço edificado e ganhar o símbolo Internacional de acesso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050:** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2004.

ANDRADE, I. F.; BINS-ELY, V. H. M. **Acessibilidade em edificações históricas: avaliando o caso de Pelotas.** Ação Ergonômica, v. 5, p. 01-09, 2010.

ANDRADE, I. F.; BINS-ELY, V. H. M. **Diretrizes para acessibilidade em edificações históricas a partir do estudo da arquitetura eclética em Pelotas - RS.** Florianópolis, 2009.

BECHTEL, Robert; ZEIZEL, John. **Observation: the world under a glass.** In. **Methods in Environmental and Behavioral Research.** Orgs. Bechtel, R.; Marans, R.W.; Michelson, W. Florida: Krieger Publishing Company, 1990. p. 11-40.

BINS ELY, V. H. M.; OLIVEIRA, A. S. D. A. de. **Acessibilidade em Edifício de Uso Público: Contribuição de Projeto de Extensão na Elaboração de Dissertação.** Rio de Janeiro: Anais do PROJETAR – II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, 2005. ISBN 85-88025-03-5.

COHEN, Regina. **Cidade, corpo e deficiência: percursos e discursos possíveis na experiência urbana.** Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

Demandas Sociais, Inovações Tecnológicas e a Cidade. São Paulo, USP: 2006.

DUARTE, Cristiane Rose & COHEN, Regina. Desenvolvimento de Metodologia para Confecção de um Guia do Rio de Janeiro Acessível. In: Anais II Seminário Internacional Visões Contemporâneas, 2004.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. **Proposta de Metodologia de Avaliação da Acessibilidade aos Espaços de Ensino Fundamental.** In: Anais NUTAU 2006:

FÁVERO, E. A. G. **Direitos das pessoas com deficiência: garantia de igualdade na diversidade.** Rio de Janeiro: WVA – Ed., 2004.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. Mesa Redonda – **Acessibilidade.** Belo Horizonte, 2000.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. Mesa Redonda – **Acessibilidade: Diretriz para a Inclusão - VCI.** Belo Horizonte, 2002. IEPHA. **Lei nº11666/1994.** Estabelece normas para facilitar o acesso dos portadores de deficiência física aos edifícios de uso público.

IPHAN. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 1, DE 25 DE NOVEMBRO DE 2003.** Dispõe sobre a acessibilidade aos bens culturais imóveis acautelados em nível federal, e outras categorias.

MALARD, M. L. **Brazilian low cost housing: interactions and conflicts between residents and dwellings.** 1992. 238p. Tese (Doutorado em filosofia). University of Sheffield, Sheffield. 1992.